



A FEIRA COMO LUGAR DE SABERES E FAZERES

Fernanda Ramos Lacerda
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Brasil
Endereço eletrônico: nandarlacerda@gmail.com

INTRODUÇÃO

A feira se constitui como espaço de comercialização, mas é também o lugar dos afetos, da comunicação, da espontaneidade, da confiança e da criatividade, e no conjunto dessas manifestações diversas, “a memória busca sempre essa vinculação com um lugar que a consolida, pois é neste que as experiências se materializam” (MENDES e MENEZES, 2015, p.5) e permite à reflexão sobre a produção do espaço.

Os laços que ligam o passado e o futuro são ativados pelo conjunto de práticas que transitam entre os sujeitos sociais que ocupam o espaço da feira. Entre estas práticas estão as histórias contadas em torno do produto, a cultura que o abarca, as pessoas envolvidas no processo de produção até o consumo do alimento.

O cuidado ao selecionar os alimentos faz parte do trabalho e da tradição na feira, organizá-los, arrumá-los em pacotes, bacias ou agrupá-los para que possam ser vistos, cheirados, tocados e apreciados pelos fregueses é o que estabelece as relações de sociabilidade, e entre os saberes que se propagam e se firmam configura-se uma estética bem particular que vai construindo as vivências, o cotidiano de cada sujeito, constituindo a história e a memória do lugar.

Diante dessas proposições, o objetivo principal dessa pesquisa foi analisar a configuração do lugar feira por meio dos saberes e fazeres presentes na memória social dos fregueses e feirantes em Vitória da Conquista.

METODOLOGIA

Os procedimentos metodológicos incluíram a realização de um levantamento histórico bibliográfico e pesquisa documental sobre o surgimento das feiras na cidade de Vitória da Conquista, com pesquisas no Arquivo Público Municipal, com consultas no acervo jornalístico, documental e iconográfico. Além disso, a realização de entrevistas semiestruturadas com fregueses e feirantes, e as narrativas desses sujeitos sociais se



constituíram como material de análise para a compreensão dos saberes e fazeres na constituição do lugar feira. Autores como Silva (2007) e Pocock (1998) embasam a análise da categoria Lugar; Halbwachs (1993) e Rios (2013) dão suporte para a abordagem da memória social; Menezes (2009) apresenta a discussão das Feiras-livres e a contribuição de Certeau (2013) embasa a discussão sobre os saberes e fazeres.

Saberes e Fazeres no lugar feira

O lugar é a manifestação espacial das experiências e da comunicação humana, sem as vivências individuais e sociais não há memória e não há produção do espaço, o vínculo é, portanto, inevitável. Para Costa (2008, p.152), “[...] a identidade que o indivíduo mantém com o lugar é articulada com uma relação de proximidade imediata e aí ele se define, se constrói através dos conhecimentos de seu entorno imediato”.

Por meio da reflexão sobre as vivências dos grupos de fregueses e feirantes, surge o reconhecimento da feira como lugar de espontaneidade da memória para os sujeitos que se relacionam ou se relacionaram com este espaço, e permite uma análise que considera os ambientes onde são tecidas as histórias individuais e coletivas, lugares de combinações de experiências e relações sociais, ou seja, lugares que permitem o reconhecimento do *constructo* social da memória (HALBWACHS, 1990) e são capazes de revelar o que as práticas cotidianas dizem sobre este espaço.

A experiência de compartilhar a feira é sentida por meio dos cheiros, dos gestos, da audição, nos fazeres e saberes, nos olhares, nas falas e das percepções apresentadas pelo lugar àqueles que por ele circulam. É a experiência que faz cada sujeito social vivenciar o lugar, que se modifica pelas marcas das diversas trajetórias que se intersectam.

Desse modo, a feira apresenta-se ao mesmo tempo fechada em si mesma e aberta como lugar de multiplicidade de relações que se manifestam na medida em que os saberes e fazeres se incorporam no cotidiano. Como compreende Silva,

É no lugar que se tem dinamicidade, ocorre à experiência vivida, cheia de conteúdos, onde se faz e refaz o cotidiano, onde acontece a reprodução da vida. (privada, lazer, trabalho). Diante da unicidade aparente, falseia-se o peso do lugar, espaço privilegiado das manifestações, das solidariedades, do cotidiano. Reconhece que é no



lugar que a vida se realiza em todas suas dimensões (SILVA, 2007, p. 6).

A feira é este lugar de vivência, de memória, de saberes e fazeres que se agregam ao dia a dia com todas as suas contradições e ao mesmo tempo apresenta-se descompromissada com o peso da estrutura socioeconômica, que se torna um pouco mais leve, mais solta, livre de amarras, abrindo espaço para manifestações culturais e outras formas de comercialização, como o uso de medidas como bacias, latas, copos, potes, redinhas e saquinhos.

Na feira nem tudo é levado à balança para ser vendido de acordo com o peso como nos supermercados. As formas como são dispostos os produtos demonstra uma ressignificação nas artes de fazer associadas às estratégias encontradas para se destacarem em meio a outras barracas.

Existem também as maneiras que os feirantes encontram de se destacarem em meio as diversidades na feira, que podem ser caracterizadas como estratégias, que para Certeau apresentam-se como formas de “[...] circunscrever um próprio num mundo enfeitado pelos poderes invisíveis do Outro” (CERTEAU, 2013, p.93).

Um elemento interessante a ser lembrado é que o freguês pode escolher entre o alimento cortado e embalado e o alimento inteiro, sem corte, e mesmo assim, pagar o mesmo valor pelo produto. O que configura mais uma estratégia utilizada pelos feirantes, é o que eles normalmente chamam de agrado ao freguês.

Os saberes e fazeres que podem ser vivenciados estão associados ao cotidiano do lugar de tal forma que o ato de cortar legumes ou debulhar feijão torna-se parte do dia a dia na feira. Ao mesmo tempo em que se conversa com o freguês desenvolve-se esses fazeres e a agilidade em manusear a faca reflete exatamente a habilidade alcançada com a prática e o tempo desprendido nessa atividade. Manusear o alimento evidencia uma história do aprender, uma arte de saber fazer. Como afirma Pompeu:

A feira livre, para além das trocas comerciais e de ser um espaço típico para a circulação de mercadorias e da própria economia de um país, tornou-se um lugar em que se desabrocham relações sociais e histórias que são construídas e modificadas de acordo com a realidade dos sujeitos envolvidos – feirantes, ambulantes e fregueses (POMPEU, 2015, p.2-3).



O envolvimento dos feirantes, fregueses ou ambulantes dá vida à feira e instiga o olhar sobre ela, a linguagem utilizada evidencia a dinamicidade do lugar e faz com que apresente elementos que aguçam a curiosidade, pois são conhecimentos que fazem parte da memória e do cotidiano do lugar.

O poder que a memória possui de proporcionar uma experiência transformadora por meio de fatos comuns ou cotidianos a diferencia de fatos históricos. A memória coletiva apresenta um papel fundamental na fixação das memórias individuais, pois “[...] não é na história apreendida, é na história vivida que se apoia nossa memória” (HALBWACHS, 1990, p.60).

Nesse sentido, as memórias dos feirantes, os quadros sociais de memória que se formaram no tempo/espço constroem pensamentos, reflexões e imaginações que fecundam os sentimentos e transformam-se em lembrança ou esquecimento. Isso permite “[...] a formação de memórias, que cumprem uma função social fundamental: elas contribuem para a manutenção e coesão dos grupos, na medida em que ajudam a produzir o sentimento de identidade entre seus membros” (RIOS, 2013, p. 5). Por meio das memórias, o grupo contribui para a construção de um sentimento de comunidade e identidade que confere materialidade e estabilidade ao modo de vida no lugar.

CONCLUSÃO

Esses lugares de ordem e desordem, frutos da configuração socioespacial, são fundamentais para a construção das identidades individuais e coletivas. Essas identidades se constroem entre vivências e narrativas.

A importância dessa relação profunda com os lugares, deve levar em consideração as subjetividades e as relações. Essas subjetividades é que fazem com que cada lugar se diferencie do outro e apresente uma dinamicidade própria, isso faz de uma determinada área, ser um lugar.

O compartilhamento de fazeres, saberes, formas de dizer, formas de produzir, consumir e comercializar na feira, atua com afeto na construção de conhecimentos que estão em constante processo de ressignificação, que fortalecem cotidianamente as relações de sociabilidade.



Com o estudo sobre as práticas aplicadas e vivenciadas nas feiras, foi possível compreender que a memória social se constitui de saberes e fazeres que são apreendidos em quadros sociais da memória, e que chegam nos dias de hoje nas feiras, ressignificados ou não, compondo cada um desses lugares a sua maneira.

PALAVRAS-CHAVE: Feira; Lugar; Saberes e Fazeres.

REFERÊNCIAS

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1 Artes de fazer, 20 ed. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

COSTA, Otávio. **Memória e paisagem**: em busca do simbólico dos lugares. Espaço e Cultura. UERJ, Rio de Janeiro Edição comemorativa. 1993-2008. Disponível em: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/viewFile/6143>. Acesso em: 12 de ago. 2018.

HALBWACHS, M. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

MENDES, Geisa Flores e MENEZES, Sônia de Souza Mendonça. Espaço e Memória: conexões e possibilidades pelo viés da categoria lugar. **Anais do XI Colóquio do Museu Pedagógico**. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2015, p. 1121-1134. Disponível em: <http://periodicos.uesb.br/index.php/cmp/article/viewFile/4995/4791>. Acesso em 12 de ago. 2018.

POMPEU, Daniel. FURTADO, Alex. MELO, Ellen. RODRIGUES, Isabella. NOBRE, Nadja. SILVA, **Diva. Deixe a Feira Livre**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXII Prêmio Expocom 2015 – Exposição da Pesquisa Experimental em Comunicação. Universidade de Federal de Uberlândia, Uberlândia, MG.

RIOS, Fabio. Memória coletiva e lembranças individuais a partir das perspectivas de Maurice Halbwachs, Michael Pollak e Beatriz Sarlo. In: **Revista Intratextos**, 2013, vol. 5, nº1, p. 1-22. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.12957/intratextos.2013.7102> Acesso em janeiro de 2019.

SILVA, Mary Anne Vieira. Cotidiano e Lugar: interpretações conceituais numa leitura geográfica para uma prática de ensino. Anais: II EDIPE II **Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino**. 04 a 06 de novembro de 2007 – Anápolis – GO. p. 6. Disponível em: <http://www.ceped.ueg.br/anais/IIedipe/pdfs/cotidianoelugar.pdf> Acesso em: novembro de 2016.